

CORREIO BRAZILIENSE

Patrocínio:

 **CORREIOS**
100% BRASIL

100 ANOS DE JK

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 2002

2º CADERNO





JUSCELINO E O PODER

O estilo empreendedor e festivo de Juscelino Kubitschek deixou marcas profundas no jeito de administrar o Brasil. Mais de quarenta anos depois de sua passagem pela Presidência da República, muitos governantes ainda tentam imitá-lo. Pioneiro nas viagens internacionais, JK abriu as portas do país para os investimentos estrangeiros. Tolerante com os adversários, aceitava críticas da imprensa em clima de democracia. As obras do Plano de Metas mudaram a cara do Brasil e deram ao povo um sentimento de auto-estima inexistente antes e depois do construtor de Brasília governar o país. Neste segundo caderno especial em homenagem ao centenário do nascimento de Juscelino, o **Correio** faz um retrato da relação entre o mais popular presidente brasileiro e o poder.

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 2002

JUSCELINO E O PODER

Criativo e gastador, Juscelino revolucionou a forma de governar na prefeitura de Belo Horizonte, no governo de Minas Gerais e na Presidência da República

Fotos: José Góes



O PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK, ACOSTUMADO AOS IMPROVISOS, SE PROTEGE DA CHUVA COMO PODE: DISTANTE DO PROTOCOLO, PRÓXIMO DO POVO E SEMPRE DE OLHO NO PODER

OPINIÕES SOBRE O MITO

“Ele era um diamantinense anticonvencional e boêmio, autor de uma revolução arquitetônica na capital dos homens mais rotineiros do Brasil”

JOSÉ LINS DO REGO,

escritor, em artigo escrito no jornal Estado de Minas

“O homem público, sobretudo o presidente, não pode ser amargo, ressentido. A vida pública se faz com felicidade e alegria, e Juscelino era um homem feliz e alegre”

ULYSSES GUIMARÃES,

presidente da Câmara dos Deputados durante o governo JK

Estilo inovador

Eumano Silva
Da equipe do Correio

O homem dançava, cantava, sorria e governava. Juscelino Kubitschek de Oliveira surpreendeu o Brasil dos anos 50 com um jeito próprio de exercer o poder. O populista Getúlio Vargas apoiara-se na ditadura e no paternalismo para comandar o país. O apagado Eurico Gaspar Dutra perseguia comunistas com o amparo da Constituição. JK anistiou adversários golpistas, apostou no desenvolvimento nacional e fez o povo sonhar. "Juscelino era muito alegre e expansivo. Tinha aquela imagem de 'pé de valsa', tirava o sapato nos jantares e gostava de serenata", contava Amaral Peixoto, genro de Getúlio e presidente por 14 anos do PSD, partido de JK.

A mania de ficar só de meias mesmo em ambientes formais parecia um excesso de informalidade, mas tinha razões físicas. Na infância descalça pelas ruas de Diamantina, JK tropeçou numa pedra e quebrou dois dedos. Desde então, o uso do sapato por muito tempo passou a ser uma tortura. "Ser presidente depois do Getúlio é o diabo! Ele tinha uma compostura, uma autoridade, que é muito difícil a gente fazer igual", disse certa vez Juscelino, numa conversa com Amaral Peixoto.

Embalado pelas noitadas de seresta pelos palácios por onde passou, JK seguiu a liturgia do poder com desemba-

raço. Também tinha facilidade para abrir os cofres públicos, como demonstrou na viagem que fez pela Europa logo depois de ser eleito presidente com 36% dos votos. Em Portugal, ouviu o ditador António de Oliveira Salazar dizer que fizera um corte de 10% nas despesas do governo. Isso levaria o país a pelo menos cinco anos de estagnação econômica. Na saída, Juscelino desdenhou da receita portuguesa: "O velho quer me proibir de gastar, a única coisa que sei fazer bem".

Os primeiros sinais do estilo descontraído e gastador começaram a aparecer logo que JK foi nomeado interventor de Belo Horizonte pelo governador Benedito Valadares. O Brasil vivia o Estado Novo de Getúlio e cabia aos governadores escolher os chefes dos executivos municipais. No livro *JK, o Artista do Impossível*, Claudio Bojunga conta que, logo depois de tomar posse na capital mineira, JK teve um encontro com o antecessor, José Osvaldo de Araújo. O ex-interventor recomendou a Juscelino uma administração conservadora, sem investimentos.

Juscelino ouviu atentamente os conselhos de Araújo e, naquele mesmo momento, decidiu fazer exatamente o contrário. Em poucos meses, a cidade tinha-se transformado num imenso canteiro de obras, cortada por ruas e avenidas em construção. "Não quero perder tempo com expediente de rotina. Vou administrar na rua, e não fechado no gabinete", avisou o novo prefeito aos auxiliares.

Ainda nos tempos de Belo Horizonte, um velho e humilde funcionário da prefeitura insistia em convidar JK para almoçar em sua casa, num dos bairros mais pobres da cidade. O prefeito dizia que iria e, um dia, foi mesmo. Sentou-se à mesa e disse que não queria saber de protocolo, nem de maionese. Pedeu cachaça e começou a comer o que tinha nas panelas. Foi um festival de lingüça frita, dobradinha de feijão branco e couve rasgada com angu.

Formado pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, Juscelino começou a carreira política na sombra de Benedito Valadares, interventor no governo de Minas nomeado por Getúlio Vargas. Os dois se conheceram durante a Revolução de 32, durante mais de cinquenta dias de batalha de Minas Gerais contra São Paulo na Serra da Mantiqueira. JK era capitão médico da Força Pública de Minas Gerais e chegou a atender 40 feridos num só dia. Valadares era delegado especial e comandante da polícia na região.

Terminada a revolução, Juscelino foi chamado para ser chefe de gabinete de Valadares. JK fazia pequenos favores para políticos e eleitores do interior, principalmente na região de Diamantina. Elegeu-se em 1934 para um discreto mandato de deputado federal.

A passagem pela prefeitura de Belo Horizonte alavancou um segundo mandato para a Câmara Federal. Foi o segundo mais votado no estado. Em 1950, Juscelino ganhou as eleições para o governo de Minas e manteve o mesmo jeito agressivo de governar. Viajava de avião pelo estado, fiscalizava as obras, trabalhava muito e dormia pouco. Muitas vezes, dona Sarah Kubitschek tinha de mandar as filhas chamá-lo para jantar no salão de despachos do Palácio da Liberdade. Muitas vezes, saía pela cidade de madrugada em busca de um restaurante aberto. De vez em quando, amanhecia na praça para ver o sol nascer. O jeito despojado de tocar o estado assustava os políticos mais antigos. "Juscelino mais parece o filho do governador", dizia o ex-governador Milton Campos.

JK aprendeu a fazer política entre as raposas do PSD, partido formado sobretudo por ex-interventores nos estados, transformados em caciques regionais no período democrático. Com a morte de Getúlio, Juscelino lançou-se candidato a presidente, venceu sem maioria absoluta, e pôde aplicar na administração federal a mesma fórmula de desenvolvimentismo com simpatia experimentada em Minas Gerais.

Contra Juscelino, permaneciam apenas as vozes estridentes da UDN, puxadas pelo implacável jornalista Carlos Lacerda. A oposição ferrenha não o impediu de continuar gastando e construir Brasília no meio do cerrado. Mais de quarenta anos depois do fim do mandato de JK, o país ainda sente falta do presidente que governava com intuição e improviso. Sem perder a pose.

"Juscelino foi o homem público que eu mais admirei. Ele me ensinou a não tratar os adversários como inimigos"

PAULO TARSO FLECHA DE LIMA,
ex-oficial de gabinete de JK,
hoje embaixador aposentado

"Quem quiser ser inimigo de JK deve ficar pelo menos a seis léguas de distância. O homem é uma pilha de simpatia humana"

SAN TIAGO DANTAS,
ministro das Relações Exteriores
no governo JK

"Juscelino foi o precipitador de um novo ânimo. Trazia de suas origens o gosto do sonho e o impulso para arejar confinamentos"

CLAUDIO BOJUNGA,
autor de JK, o Artista do Impossível, a mais completa
biografia sobre o ex-presidente



POLÍTICA E FESTA: JK COM BOÊMIO DE DIAMANTINA

BRÁSILIA, QUARTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 2002



JUSCELINO E O PODER

Quanto se gastou para construir Brasília? Não se sabe ao certo, mas sobre dois aspectos não pairam dúvidas: a capital federal custou caro e contribuiu para o aumento da inflação

Custo capital

BRÁSILIA, 1960: CONSTRUÇÃO DA CAPITAL INAUGUROU RELAÇÕES ENTRE GOVERNO E EMPREITEIRAS

■ **Diário de Notícias** (Rio de Janeiro, 10 de abril de 1957): com o título *Contas sobre Brasília*, o diário afirmava que a capital só se tornaria realidade (em 1960) depois de mergulhar o Brasil na inflação.

Tanto se gastou que, pouco depois da inauguração, Brasília passou a ser vista como a origem de duas das piores maldições da economia nacional: a inflação e a dívida externa.

A construção de Brasília colou em JK a imagem de realizador, mas deu-lhe essa dor de cabeça. A UDN (partido que fazia oposição a JK) e os militares bateram na tecla que Juscelino, com suas obras grandiosas, era o pai da corrupção, da dívida externa e da inflação no Brasil.

Nada, além do impedimento de voltar a Brasília durante o regime militar, irritava mais JK do que essas afirmações. Nas suas memórias, Juscelino faz um cálculo interessante para se defender, segundo relato de Vaitzman.

JK afirmava que, em cinco anos de governo, emitiu 134 milhões de cruzeiros novos para custear as obras num país que tinha, então, 60 milhões de habitantes. "Isto quer dizer que toda aquela pleitora de desenvolvimento representou, na realidade, o sacrifício de dois cruzeiros novos, em cinco anos, para cada brasileiro", explicou. "Alguém seria capaz de fazê-lo por menos dinheiro?"

Em seu discurso de posse, Jânio Quadros, em 31 de janeiro de 1961, poucas horas depois de receber a faixa presidencial, afirmou: "Térrível a situação financeira do Brasil, terríveis as cifras da aluvião de papel-moeda relativas ao primeiro mês deste ano (1961)", disse, referindo-se aos gastos para a construção de Brasília.

A manchete do *Correio* citada acima trata da CPI aprovada ainda no governo JK. Com o título *Câmara Parlamentar de Inquirição* para investigar as Condições de Construção de Brasília, Organização e Regulação de seus Serviços Públicos, a CPI durou até outubro de 1962 e

constatou nenhum superparticular importante nem chegou a uma conclusão quanto ao custo real de Brasília.

Mas não foi essa a primeira tentativa de investigação. Faltando dez meses para a inauguração da capital, adversários de Juscelino se mobilizaram para impedir a inauguração da capital. Carlos Lacerda, líder da UDN, lançou todo o peso de sua influência para instaurar uma CPI de Brasília. Não conseguiu e Brasília foi inaugurada.

PARAÍSO DAS EMPREITEIRAS

N uma terra onde não havia nem licitações públicas nem fiscais em número suficiente, as obras só saíam do chão a custo de muito dinheiro. Durante a construção de Brasília, as empreiteiras descobriram que trabalhar para o governo era um grande negócio. Fortunas se formaram do nada durante as obras na capital. Depoimentos da época revelam histórias de semi-analfabetos que levantaram impérios entregando várias vezes o mesmo caminhão de terra num só canteiro de obras. Empreiteiras mais tradicionais, como a Civilsan e a Camargo Correia, tornaram-se superpotências.

"As obras de Brasília levantaram assustadoramente o seu custo porque os empreiteiros nisso tinham interesse, pois recebiam 12% de comissão sobre o total do custo da obra. No serviço de administração contratada, os empreiteiros, no trabalho noturno, faturavam todo o pessoal da obra, quando na verdade só trabalhavam quatro ou cinco operários. Era um conluio a fim de aumentar a folha de pagamento e, em consequência, o montante sobre o qual incidia a comissão de 12%", escreve Lourenço Taminari, citando denúncias da época, em seu livro *Memórias da Construção*.

"Seria inocência imaginar que não houvesse nenhum oportunista inescrupuloso entre milhares de indivíduos ligados às obras, fornecedores, apontadores, técnicos, transportadores, até mesmo funcionários. Mas foram pouquíssimos os casos e os culpados, sempre punidos", respondeu Israel Pinheiro, parceiro de JK na construção de Brasília, em depoimento na Câmara dos Deputados, em 1961.

■ **Instalado o inquérito da Novacap**. O *Correio* **Brasiliense** que circulou no sábado 3 de setembro de 1960 estampava essa manchete sobre a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o custo da construção de Brasília.

A capital federal deixou de ser apenas rabiscos no papel feitos pelo urbanista Lucio Costa embalada pelo sonho de Juscelino Kubitschek. E porque muito dinheiro foi despejado nas obras. Como o país não tinha caixa, a empreitada foi financiada com empréstimos externos e impressão de papel-moeda.

Em abril de 1966, em sessão no Congresso norte-americano, o ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil Lincoln Gordon declarou que a construção de Brasília custou US\$ 1,6 bilhão (atualizando, em reais, mais de R\$ 20 bilhões).

Segundo Gordon, Brasília foi erguida graças à impressão descontrolada de dinheiro. Um dos efeitos da impressão de dinheiro é a inflação. "Acho que podemos dizer que Brasília foi paga por todo o povo brasileiro, que sofre os efeitos desta inflação", disse Gordon, então subsecretário de Estado.

O gasto total é um mistério. A mudança de moedas e empréstimos a perder de vista impedem que se faça uma avaliação, em valores de hoje, de quanto custou Brasília.

O valor apresentado por Gordon foi, por exemplo, contestado por Maurício Vaitzman, autor do livro *Quanto Custou Brasília*, que estimou um valor dez vezes menor. Mas Vaitzman, por sua vez, não considerou o custo dos juros dos empréstimos nem os efeitos da inflação. Certo é que jornais da época puderam constatar o excesso de gastos. Vejamos:

■ **Informador Comercial** (Belo Horizonte, 30 de março de 1957): com o título *Sangrando os Institutos*, o jornal mineiro dizia que as obras em Bra-

Começo difícil

TT Catalão
Da equipe do Correio

A inauguração da nova capital transforma-se no auge de um governo eleito por uma minoria. Com apenas 36% dos votos, JK é um presidente sob inúmeras suspeitas. O paulista Adhemar de Barros ("rouba, mas faz") obtém



26% dos votos. Hoje, teria segundo turno. A mídia, caixa de percussão, estaria em quase todos os lances anti e pró-JK. Ele se safa ardiloso, sem fissuras, na sua aura de euforia, entusiasmo, grandeza estadista, cordialidade, subsídios amigos e estratégicos, mais o charme, outro charme.

No último dia das eleições, 5 de outubro de 1955, Carlos Lacerda articula um ridículo golpe pela *Tribuna* ao apresentar a vitória de JK-Jango: quer a instalação de um governo provisório militar e dissolução do Legislativo enquanto a ala mais moderada da UDN tenta "provar" fraudes. Para agravar o quadro, o já presidente Café Filho (vice de Getúlio) é internado com enigmáticas "dores no peito" em novembro de 1955 e deixa vaga a presidência. O laço se aperta. O general Lott, ministro da Guerra de Café Filho, compra briga ao se ofender com um discurso golpista do coronel Bizarria Mamede no funeral do general Canrobert Pereira (inimigo de Vargas). Bizarria discursa contra "a mentira democrática", chama a vitória nas urnas de "golpe da minoria".

Lott quer a prisão do coronel — antes já pedira a prisão de dois generais. O deputado Carlos Luz, interino na presidência, não aceita o pedido de Lott, que renuncia ao ministério. O general Odly Denys toma as dores de Lott e da "instituição militar desprezada". Resiste. Dia 11 de novembro, 25 mil soldados e tanques estão nas ruas do Rio por Lott e o tom do movimento, para surpresa civil, é garantir a posse dos eleitos JK-Jango. O presidente interino foge no cruzador Tamandaré. A Câmara aprova seu *impeachment* por 185 votos contra 72 e o Senado, por 43 a 9 votos.

O senador Nereu Ramos (PSD-SC) toma posse. Súbito, 20 de novembro, Café Filho recupera-se e quer de volta à presidência. Lott intervém na marra, nega a volta milagrosa e impõe a Nereu também o *impeachment* de Café Filho (208 a 109 votos do Congresso). O país em Estado de Sítio. JK toma posse. Sente o impacto das armas no chamado "golpe da legalidade" ou Novembro. Eram os acordos iniciais do conflito. Revoga a censura à imprensa e o Estado de Sítio. E, com apenas 11

dias de governo, oficiais da Aeronáutica, mordidos pelas derrotas anteriores do brigadeiro Eduardo Gomes, inflam um levante em Jacarecanga. É logo domado e, para o bom indicador do célebre espírito sem rancor do presidente, são anistiados e até promovidos. Três anos depois o levante de Aragarças. Quando ocorre o primeiro seqüestro de avião (*Constellation*) no país.

A sociedade mobilizava-se sem organização, com partidos fisiológicos e destruturados. No episódio do "Me dá um dinheiro aí", quando o *Jornal do Brasil* legendou uma foto que sugeria uma súplia de JK ao secretário de Estado norte-americano Foster Dulles, Odly Costa Filho afirma ter sido ameaçado de processo como "traidor da pátria". Mais uma vez JK tinha entre sua imagem, o poder e a sociedade figuras que poupavam seu desgaste. Seu ministro da Justiça, Armando Falcão, por exemplo, impedia que muitos fatos desagradáveis chegassem ao presidente. Assim, Juscelino podia exercitar sua obsessão romântica por Brasília.

100 ANOS DE JK

CORREIO BRAZILIENSE

BRÁSILIA, QUARTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 2002



O PRESIDENTE DE CUBA, FIDEL CASTRO (E), VISITOU O BRASIL DURANTE O GOVERNO JUSCELINO. PARA O PRESIDENTE BRASILEIRO, SÓ O COMBATE À MISÉRIA SERIA CAPAZ DE COMBATER A AMEAÇA DO COMUNISMO NO CONTINENTE

O governo JK pôs a cara do Brasil lá fora, abriu investimentos estrangeiros, criou a Operação Pan-Americana, e foi atrás do desenvolvimento sem subserviência

Fronteiras abertas

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Esleito, Juscelino Kubitschek fez um liga-pontos no mapa-múndi: traçou uma linha que passava por nove países (veja lista ao lado). Retomava assim o hábito de se apresentar às nações desenvolvidas antes de assumir o Palácio do Catete, ritual que fora desprezado por seu antecessor, Getúlio Vargas. Sabia que para dar conta de seu Plano de Metas precisava de investimentos estrangeiros. E pegou o avião levando junto a sua política de “me dá um dinheiro aí”.

Como a Justiça Eleitoral ainda não havia proclamado a vitória de JK, os Estados Unidos e a Inglaterra hesitaram em recebê-lo com as honrarias de chefe de Estado. Não por isso: Juscelino contrariou a expectativa de que os subdesenvolvidos não ativamente subservientes e mandou tirar os dois países do roteiro. Foi então que os EUA decidiram excluir do cerimonial somente a salva de tiros. E a rainha Elizabeth também recuou da decisão.

Na Alemanha, mais de 300 empresários se reuniram no Clube da Indústria de Dusseldorf para ouvir JK dizer que um dia o Brasil iria se inspirar na política industrial alemã. Meses mais tarde, a DKW (depois absorvida pela Volkswagen) começaria a investir no Brasil, em parceria com a Vemag – o que resultou no inesquecível decavê, o carro da parceria DKW-Vemag.

Autor do recém-lançado *História da Política Externa do Brasil* (junto com Clodoaldo Bueno), o professor Amado Luiz Cervo, da Universidade de Brasília, estabelece um veredicto antes de fazer a avaliação das relações internacionais de Juscelino. Qual seja: JK foi um dos poucos estadistas que o Brasil já teve, ao lado de Getúlio Vargas e Ernesto Geisel.

Na parte que lhe cabe, JK promoveu a modernização do país e para isso usou, e muito bem, as relações internacionais. Tanto viajou quanto trouxe convidados ao Brasil, como o presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower,

e de Cuba, Fidel Castro. “Não foi Kubitschek o primeiro a utilizar a política externa como alavanca do desenvolvimento. Isso vem de Vargas. Mas JK representou o apogeu do paradigma do desenvolvimento”, avalia Amado Cervo.

O sucesso da política externa de JK teve três boas razões, aponta Cervo. A primeira é que o Plano de Metas supunha a cooperação internacional e esse planejamento estratégico despertou o interesse do mundo. A segunda é que JK inaugurou as relações multilaterais. Até então o Brasil só mantinha acordos bilaterais – com os Estados Unidos, por exemplo.

A criação da Operação Pan-Americana é prova disso. As conversações em grupo entre países latino-americanos e os EUA reforçaram o poder de barganha do Brasil e aumentaram a liderança brasileira no hemisfério sul do continente. A essas duas razões somam-se as circunstâncias externas. A criação do Mercado Comum Europeu, em 1958, – explica Cervo – fez com que a concorrência internacional se deslocasse do mercado para a produção, o que provocou o surgimento das empresas transnacionais. Foi nessa cama elástica que a indústria automobilística deu um salto colossal.

Também estudioso do assunto, o professor Pio Penna Filho, da Universidade Federal de Mato Grosso, prefere realçar essa circunstância. “De fato o governo JK conseguiu grande sucesso na execução de sua política externa, que sem dúvida estava bem dirigida e orientada para a industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil.” Mas – e aí vêm as circunstâncias – “o governo JK atuou num cenário internacional bem diferente do verificado no final do século 20 e início do 21”.

Naquela época havia mais dinheiro no mercado internacional, “sobretudo porque os europeus e os japoneses já estavam dando mostras de que a política de reconstrução do pós-guerra havia dado resultados positivos”, afirma Pio Penna.

A ressalva de Penna não tira o mérito de Juscelino Kubitschek. “O estadista é aquele que aproveita a oportuni-

dade, que tem capacidade de negociação. Juscelino governava à margem do Congresso (excessivamente conservador à época). Assessorado por uma grande equipe de tecnocratas, fez um Executivo racional e eficiente”, reforça Amado Cervo.

O senso de oportunidade aliava-se à liberdade de pensamento e somava-se à rapidez nas atitudes para produzir resultados surpreendentes. Foi assim, por exemplo, quando JK soube dos protestos contra a visita do então vice-presidente Richard Nixon a Lima, Peru, em maio de 1958, num roteiro pela América Latina. Em grandes manifestações de protesto, estudantes tentaram agredir-lo. Em Caracas, Venezuela, Nixon foi atingido por uma pedra, interrompeu a visita e voltou a Washington.

Ao ler as notícias do que acontecera em Lima e Caracas, Juscelino ligou para o poeta Augusto Frederico Schmidt – um de seus *ghost writers* – para trocar idéias a respeito do que seria o embrião da Operação Pan-Americana. “Expus a Schmidt o que tinha em mente, e o fiz com a maior veemência, declarando que havia chegado a hora de o Brasil indicar o caminho de uma nova política. Iria mobilizar o continente inteiro para uma cruzada de redenção econômica”, escreveu JK em *Por que Construí Brasília*.

E assim o fez. A OPA, na verdade, não foi bem-sucedida, mas resultou na Aliança para o Progresso, criação do presidente John Kennedy, sucessor de Eisenhower. A política externa de JK deixou como lição de casa, para os tempos atuais de ditadura do mercado, que a abertura para o capital estrangeiro deve estar atrelada a uma estratégia de desenvolvimento. “A política externa do Brasil de hoje não tem estratégia. Acharmos que o mercado dita tudo e adotamos uma abertura incontrolada”, pontua Amado Cervo. Como estadista que era, Juscelino Kubitschek tinha um projeto de nação, que incluía investimentos estrangeiros, porém sem subserviência ao mercado internacional. O Brasil de hoje parece não ter aprendido a lição.

PARA
SABER
MAIS

VOLTA AO
MUNDO

Países que JK visitou antes da posse: Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, Bélgica, França, Itália, Alemanha, Portugal e Espanha.

AMERICANOS,
UNI-VOS

A Operação Pan-Americana foi uma proposta de JK, acolhida pelo presidente Dwight Eisenhower, de criação de um bloco de países das Américas, com investimentos em áreas economicamente atrasadas do continente. Juscelino pretendia “transferir do exterior as bases do desenvolvimento”, como escreveria mais tarde.

FORA,
FMI

Em 17 de junho de 1960, Juscelino rompeu com o Fundo Monetário Internacional (FMI), depois que os dirigentes do Fundo quiseram impor redução de gastos como condição de concessão de crédito de US\$ 300 milhões. O que significava uma ameaça ao Plano de Metas.

COMBATE DE PAPEL



CHAPA BRANCA

O Correio da Dia era a opção leve da imprensa udenista. Sediado em Minas, mantinha algum decoro jornalístico, mas nem sempre comprovava as denúncias. Uma delas: "Trezentos mil cruzeiros mensais para cada um dos jornais de Belo Horizonte".



PERSEGUIÇÃO

JUSCELINO E O PODER

O presidente conviveu em paz com a mídia, mesmo com os ataques da *Tribuna da Imprensa* de Carlos Lacerda e as ácidas críticas do jornal mineiro *Binômio*

Imprensa livre

TT Catalão
Da equipe do Correio

O irresistível charme de um sedutor democrata, tolerante com a oposição e a virulência dos ataques, ou um ardiloso manipulador de opinião com o irrefutável argumento de um bom empréstimo a fundo perdido, juros especiais ou anúncios governamentais? As relações de JK com a imprensa não escapariam do contexto histórico em turbulência pós-suicídio de Vargas. Se a última solenidade pública de Getúlio foi ao lado de JK, na inauguração da siderúrgica Mannesmann, sua sombra o atormentaria.

JK provocava desconfianças no PSD (a ala renovadora possuía nove parlamentares em uma bancada de 114). Os conspiradores viam Juscelino como um populista-gestulista. Mas a liberdade de imprensa foi respeitada. Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil*, relaciona 60 processos, todos contra agências estrangeiras, por difamação. Em 1958, os comunistas, submetidos a processos, puderam respondê-los em liberdade.

A imprensa nacional vinha sob a prática viciada do clientelismo em que os impérios angariavam subsídios gigantescos nem sempre fiéis aos rigores éticos do jornalismo e muito menos ao compromisso de serviço público, estrito, com seus leitores e radiouvintes (a teve enganava). Odylo Costa Filho, que fez a revisão histórica do período, coloca a revolução do *Jornal do Brasil* ainda no fim do Estado Novo. Um novo JB nascia (1956) com renovação temática (um jornal da cidade), estética (a diagramação criativa), econômica (os pequenos anúncios; também o *Correio da Manhã* adotara o sistema). Nesse período, JK herdava principalmente a batalha entre *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* sob pesadas acusações

BINÔMIO

O jornalista José Maria Rabelo, criador com Euro Arantes do jornal *Binômio* (1952-1964), exercia um jornalismo ácido frente ao governador JK em Minas Gerais (eleito pelo PSD em 1950). Rabelo, depois de três exílios – Bolívia, Chile e França – e 16 anos fora (relatados no livro *Diáspora*) lembra hoje, com humor, o período do *Binômio* anti-JK: "Éramos muito mais contra o servilismo da imprensa mineira ao governo que a pessoa do governador". O nome do jornal nasceu como sardo ao slogan de JK "energia e transporte". Rabelo e seu grupo (os cartunistas Ziraldo e Borjalo) queriam "sombra e água fresca" para enfrentar o "binômio da mentira e da propaganda oficial". Posição acentuada em manchete depois de um conflito entre polícia e estudantes: "Energia: a polícia bate; transporte: depois leva para a delegacia".

JK ria. Rabelo isenta o governador das rugas entre autoridades e *Binômio*. "Ele não tinha traços de mesquinhez em seu caráter. Respeitava opiniões dissonantes". E confessa o motivo para evitar contato pessoal com JK: "Era um sedutor fabuloso, tinha medo do seu charme". O jornal chegou a ser retirado das bancas pelo secretário de Segurança, quem não gostou da manchete de 22/16/52:

LEVOU ROLLA', em caixa alta para não distinguir que Rolla era o sobrenome do amigo Joaquim Rolla, construtor do Grande Hotel na região. Rabelo chama a corte de JK de "cupinchas". Um mandado de segurança repõe o *Binômio*: "Juscelino quis por rolla no *Binômio*". Antes usaram "Juscelino precisa de Rolla" e "Juscelino quer por Rolla na Praça Raul Soares". Rabelo ri da história e garante que JK levava esses casos na maior elegância. Sebastião Nery, em seu *Grandes Pecados da Imprensa*, classifica a irreverência do jornal: "bata pesado no começo, mais rindo que batendo, depois, mais batendo que rindo". O jornal chama JK de O Folgado, Ali-Babá. Nery ressalta o financiamento

do jornal vindo da união "mãe rica, filho rebelde", UDN-PSB em Minas desde 1945 (o jornal, em 1955, defende na capa a candidatura de Juarez Távora da UDN contra JK).

Mesmo com reservas, o *Binômio* apoiou a construção de Brasília e foi o único jornal a publicar detalhes do chamado "massacre da Pacheco Fernandes", quando a desqualificada polícia semi-amadora da capital em construção, a GEB, teria metralhado operários que brincavam carnaval em um acampamento. O jornal colide com o golpe de 64: o cume foi a solene bofetada de JK Maria no general Purniro Bley, que entrou na redação para fechar o jornal. JK foi caçado na terra sem morte. Sobreviveu.

LONGE DO BARULHO

No projeto de voto nacional de JK, o poder da imprensa e o senso intuitivo de uso da imagem – logo, com bom uso da mídia – já o colocavam, também nesse aspecto, dentro da modernidade. A ousadia assustava raposas rurais do PSD. O líder Benedito Valadares via a conduta de Juscelino como a "de um Tiradentes com o peixeço dos outros". Nos embates e relações com a imprensa, JK tinha entre sua imagem e os caciques da mídia figuras que amorceciam choques. Escapava, nem tanto por esperteza, mas por saber distinguir inimigos essenciais de barulhos cortieiros. "Não brevia barato", era o

A *Tribuna da Imprensa* transferiu a obsessão radical contra Getúlio Vargas para perseguir JK, chamado de "banqueiro". O talento e o fel de Lacerda eram o destaque.



JUJU EM COPACABANA

O jornal mineiro *Binômio* não poupava críticas a Juscelino. Numa delas, estampa foto de JK no calção de Copacabana cercado de admiradoras. A manchete, pouco relacionada à imagem, era a seguinte: "Juju, os Brotos e a Mão Boba".



ROLLA NA MANCHETE

O *Binômio* chegou ao ápice do deboche com uma série de títulos que faziam trocadilhos com Joaquim Rolla, empresário da região de Araxá, em Minas, e amigo de JK. Acima: "Juscelino quer por Rôlla na Praça Raul Soares".



No calhar do poder agia a UDN de Carlos Lacerda sobre a herança terrível de Vargas para a difícil reconciliação nacional entre sociedade (crescia a classe média urbana), o executivo (sombra dos "favores amigos"), legislativo tíbio, capital emergente estrangeiro, guerra fria, impactos da modernização industrial, resquícios e mágoas militares (que explodiriam nos levantes da Aeronáutica) e uma imprensa polarizada entre o varguismo da *Última Hora* e a *Tribuna*. Honrosas exceções de estilo para o *Diário Carioca* de Horácio de Carvalho e a chefia de Danton Jobim, Pompeu de Sousa e Luís Paulistano. A imprensa paulista apoiava discreta mas possuía um certo ranço regionalista sem a repercussão de impacto nacional.

Na linha defensiva, a *Última Hora*. Criada em 1951 por Samuel Wainer, em menos de um ano a UH vende mais de 100 mil exemplares. Ela nasce com o retorno de Getúlio ao poder para romper com a "conspiração do silêncio" da maioria dos jornais. Wainer, em suas memórias, é grato a JK "e seus amigos". "Eles me ajudaram a liquidar os débitos. No campo dos negócios, aliás, JK foi bem mais generoso comigo que o próprio Vargas." Em dezembro de 1958 lança edição matutina e, no ano seguinte, dois tablóides diários. O *Diário Carioca* é citado no livro *Gaiola Aberta*, de Autran Dourado, em episódio que detalha uma operação-salvação de salários em que uma recheada mala de dinheiro é entregue pessoalmente, por Autran, à direção do DC. A *Folha da Manhã*, hoje *Folha de S.Paulo*, foi contra a candidatura em 1955 de Juscelino como "perigo iminente" e sugeria que as Forças Armadas impedissem tal candidatura. A *Tribuna* mantinha-se com acionistas empresários para financiar a causa anti-populista-sindical.

Lacerda não poupava o "esquema JK" o "mesmo sistema perdulário e de falcatruas de Getúlio com o dinheiro do Banco do Brasil". Verborragia ácida. Assina editoriais como "O Cafajeste Máximo", tentando envenenar a igreja contra a "missa sacrílega" celebrada em Brasília em 3 de maio de 1957 (a primeira). JK é chamado textualmente de "cafajeste sem escrúpulo" e Lott, ministro da Guerra, de "traidor".

Os golpes sobre Jango seriam repugnantes: a duas semanas da eleição, Lacerda publica na *Tribuna* carta datada de 1953, escrita por um certo Antonio Brandi, "deputado argentino", envolvendo Jango como articulador da luta armada no Brasil. Ante o mar de lama, logo a *Folha* revê sua posição e apóia a posse dos eleitos. Editorial publicado três semanas depois da eleição, quando a vitória de JK e Goulart ainda não era oficial, afirma: "Se forem proclamados eleitos, deverão ser coerentemente empossados. O resto é chicanagem, golpismo, irresponsabilidade cívica e desamor à democracia."

EM 1958, O ESCRITOR IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO ENTREVISTOU JK PARA O JORNAL ÚLTIMA HORA

JUSCELINO E O PODER

Charges, piadas e chacotas ampliadas pela mídia mostravam o clima de espanto em relação a Brasília, objeto de paixão e ódio. A maioria era encarada com bom humor pelo presidente

Cidade do contra

TT Catalão
Da equipe do Correio

A ofensa maior da meta síntese de JK, construir Brasília, era a sua clarividência. Na imprensa, em grande crise de objetividade e isenção (veja texto na página 9), não havia corpo estruturado para um debate mais profundo. Temas polêmicos mereciam ser detalhados. A CPI anti-JK fracassou. Prevalcia a paixão, saques individuais, talentos em verve e estilo. Poucos na defesa e muitos contra. Escasso jornalismo. Mais propaganda (até ficção e mau-caratismo).

No programa de metas de JK (Energia, Transporte, Alimentação e Agricultura, Indústria de Base e Educação), Brasília sintetizava dramaticamente a ruptura entre rural e urbano, litoral versus sertão. Polarizava o poder. Deixava-o exposto na imprensa. A abertura de 13 mil km de estradas exigia produção superior a 100 mil veículos. Chegavam multinacionais e capital estrangeiro. Entre 1957 e 1961, o PIB teve expansão anual de 7% e a indústria deu um salto de 80% em produtividade.

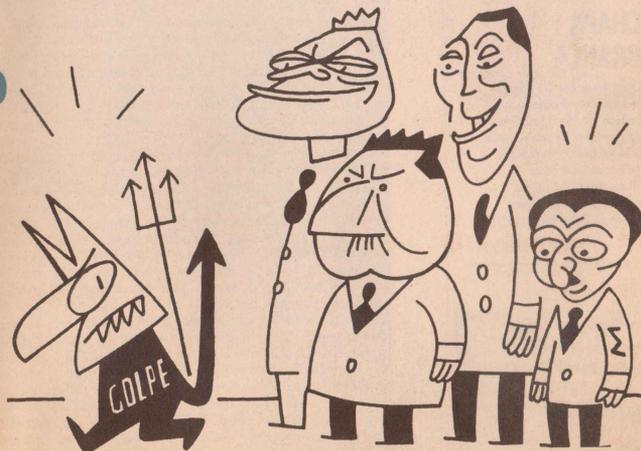
Havia uma conta a pagar: a diferença entre receita e despesa mais do que quadruplicou, atingindo o equivalente a 4% do PIB em 1957. Pressão nos preços resultava em inflação comendo salários. Em 1959 era de 40%, duas vezes mais que no ano anterior. Em seguida, JK rompe com o FMI. Greves explodem: mais de 60 por ano. Alguns jornais ficam divididos. Empreiteiras anunciam muito bem. E pagavam em dia. Coisa difícil em governo. Trocavam-se barões do café dos anos 20 pela "república dos empreiteiros". Fortunas despontavam como a de Marcos Paulo Rabello (chamado "sócio de JK" para sugerir corrupção, o que nunca foi provado).

O alvo era Brasília. Se ferissem a criatura matavam o criador. Inúmeras charges, piadas, filmes, músicas e chacotas ampliadas pela mídia eram até espirituosas e caíam no bom humor de JK, menos as campanhas desestabilizadoras. A imprensa refletia a onda de espanto. O desafio de se implantar o Cor-

NA MIRA DO TRAÇO

Juarez Távora, Adhemar de Barros, Plínio Salgado concorriam em 1955 à presidência contra JK, mas a sombra infame seria sempre a do golpe.

Charge de Nássara, publicada na Última Hora (arquivo O Estado de S. Paulo)



o praziliense tora vencido quase como mais um milagre de Brasília. As primeiras redações e jornalistas vinham na maré: privilégios materiais para "compensar a loucura". Aluguéis quase simbólicos, ordenados dobrados, doações de terrenos, facilidades de transportes, sedes de sucursais como benesses, subsídios, duplo e até triplo emprego (geralmente em órgãos públicos, o que comprometia a cobertura) e uma série de distorções que a cidade soube banir até criar a vida cidadã de hoje.

Mas não havia um contexto de corrupção. Era a sedução desesperada para fixar infra-estrutura sob emergência justificável e de conflito: se tais métodos, nada ortodoxos, e com uma certa dissonância moral da oferta do bem público, não ocorressem, a pressão externa teria sepultado a nova capital. JK precisava consolidar a conquista. O tempo estava contra. Vinha aí Jânio (insone no Alvorada vendo de três a quatro filmes pela metade. Se fosse um carioca, não suportaria a tentação da volta). O golpe de 64 (ironicamente estruturou a mudança consolidada pelo olhar estrategista militar). O controle visual das manifestações (estudantes apanhavam pela falta de becos anti-PM). E a "vantagem" militar pelo afastamento da pressão popular dos centros organizados, distantes.

Das infâmias, as mais baixas vieram da revista *Time*, em 1964, ao publicar "JK tem a sétima fortuna do mundo". Peritos norte-americanos foram enviados ao Brasil para levantar as "contas na Suíça". Jornais hostis (na verdade panfletos sem nenhum jornalismo) deram até números fantasiosos de uma conta que só serviu para palpite no jogo do bicho carioca.

Em 2 de junho, véspera da sua cassação, JK afirma: "Não quero ser abatido como carneiro. Tenho que gritar." No dia seguinte, por 10 votos a 6, o Conselho de Segurança Nacional, militares e ministros, sepultam o JK-65, até o desfecho trágico do acidente em 1976.

Nada foi encontrado para "justificar a corrupção" do então senador JK. Náusea para a biografia desses medíocres trastes da história: Costa e Silva que aticou; Castelo que assinou; mais a prisão em 1968 em um quartel de Niterói; agentes que forjaram contas suíças; vassalos que humilharam JK em interrogatórios infames; manchetes covardes como a do *Diário de Notícias* ("O Brasil baniu JK") e a truculência militar repreendida até pelo *O Globo* quando JK deixa o país expulso em 14 de junho de 1964: um coronel saca sua arma no aeroporto pretensamente para conter a "turba" de jornalistas, populares e o próprio JK. A *Tribuna* manchetista: "JK fugiu para evitar cadeia". Mas havia dignidade: a manchete do *Diário Carioca* foi "Vitória do ódio e do medo: casaram o mandato de JK", com as palavras do réu: "Que temor é esse da minha sobrevivência política?"

O deputado Aníbal Teixeira refutou no plenário da Assembléia de Minas ponto a ponto as acusações, sem tréplica, até hoje. Ficou o crime. A injustiça. Aos poucos a coisa virou e Brasília hoje é palco, tribuna, palanque, tribunal, espetáculo em dor e festa. Pulsam as contradições de qualquer cidade brasileira.



50 X 5

— 500 pratos por dois sanduíches mistos! — Aqui, em Brasília, freguês, tudo é multiplicado por dez!...

Theó,
na revista *Careta* (16/11/1960)

■ Ou por vaidade ou espírito

JK entendia como homenagem as caricaturas e charges, virou até música, *Presidente Bossa Nova*, do menestrel Juca Chaves.

Caricatura de Lan



■ META DE FAMINTO

JK — Você agora tem automóvel brasileiro, para correr em estradas pavimentadas com asfalto brasileiro, com gasolina brasileira. Que mais quer? Jeca — Um prato de feijão brasileiro, seu dotô!

Theó,
na revista *Careta* (12/3/1960)